



"O melhor trabalho de Rebecca Yarros  
até hoje." – *USA Today*

**REBECCA YARROS**

*Autora de A última carta*

**AS COISAS  
BELAS E  
PRECIOSAS**



*Para meu pai, que nunca me deixou cair.  
Eu te amo, papai.*



# CAPÍTULO 1

## CAMDEN

Meus pulmões arderam quando respirei fundo, buscando o oxigênio escasso, e meus dedos coçaram querendo segurar o cigarro que eu tinha largado seis anos antes. A altitude sempre fazia aquilo comigo: me deixava com dificuldade para respirar.

Já a vontade de fumar era um oferecimento de Alba, Colorado, que tinha 649 habitantes. Pelo menos foi o que li na placa pela qual eu havia passado um quilômetro e meio antes. Mas eu é que não ia confiar em uma placa que não era atualizada desde o meu nascimento – isso não seria nenhuma surpresa na minha cidade natal.

Nada ali tinha mudado desde que eu fora embora, essa era a marca registrada da cidade. Passada a estrada pavimentada, Alba era a cidade fantasma mais bem preservada do Colorado, e os turistas que inundavam as ruas no verão a sustentavam durante todo o inverno.

O valor total na bomba de gasolina foi aumentando enquanto eu esticava os braços em direção ao sol do fim de tarde e aos picos nevados lá em cima. Precisava reanimar os músculos que eu mantivera contraídos por tempo demais durante a longa viagem desde a Carolina do Norte. A brisa cortante de março aplacou um pouco minha exaustão, e acolhi seus dedos gelados em minha pele exposta. O clima a três mil metros de altitude definitivamente não combinava com a camiseta que eu estava usando.

Alguém arquejou, chamando minha atenção, e me virei em direção à

minivan que tinha acabado de parar atrás do meu Jeep. Uma loira com um par de óculos escuros grande demais para seu rosto e um casaco de inverno acolchoado estava parada com um pé no chão e o outro ainda no interior do carro, boquiaberta, como se alguém tivesse apertado o botão de pausar enquanto ela descia.

Baixei os braços e minha camiseta voltou ao lugar, cobrindo a faixa tatuada de abdômen que ela certamente tinha visto.

Ela balançou a cabeça rapidamente e começou a abastecer o carro.

Pelo menos não fez o sinal da cruz e se afastou.

Ou ela havia se mudado para Alba nos últimos dez anos ou minha reputação tinha melhorado de alguma forma desde o alistamento no Exército. Caramba, talvez a população de Alba tivesse até me esquecido de vez.

Terminei de encher o tanque e entrei na lojinha de conveniência para pegar uma bebida. Só Deus sabia o que eu ia encontrar na geladeira do meu pai.

Sininhos soaram quando a porta se fechou atrás de mim, e assenti para cumprimentar o idoso ao balcão. Pelo jeito, o Sr. Williamson ainda era o dono do posto de gasolina. Ele ergueu as sobrancelhas grisalhas espessas com um sorrisinho rápido, mas logo a expressão se desfez e ele piscou, confuso. Então, estreitou os olhos, me reconhecendo.

*Pelo visto, minha reputação segue firme e forte.*

Peguei algumas garrafas de água entre as poucas opções disponíveis e as levei depressa ao balcão.

Os olhos do homem saltavam das minhas mãos para as garrafas enquanto ele registrava a compra, como se eu fosse roubá-las ou algo do tipo. Eu já tinha sido muitas coisas, mas nunca um ladrão.

Os sininhos soaram mais uma vez, e Williamson relaxou visivelmente.

– Tarde, tenente Hall – disse, cumprimentando o cliente recém-chegado. Maravilha.

Nem me dei ao trabalho de me virar. Aquele velho teimoso e preconceituoso me detest...

– Puta merda. Cam? É você?

Não era Tim Hall usando um distintivo – era seu filho, Gideon.

Gid estava boquiaberto, os olhos castanho-claros arregalados em cho-

que. Uma expressão parecida com a que eu tinha visto em seu rosto quando Xander nos empurrara para dentro do vestiário feminino no primeiro ano do ensino médio. Eu nunca conseguira agradecer devidamente ao meu irmão por aquela tentativa de trote – não que alguém fosse acreditar que ele se rebaixaria àquele ponto. Afinal, ele era o filho bom.

– Eu achava que policiais não podiam dizer palavrão quando estão uniformizados – observei, olhando-o de cima a baixo.

Ao contrário do pai, Gid ainda era esbelto demais para que a barriga caísse por cima do cinto.

– Ao contrário dos soldados? – rebateu ele.

– Na verdade, os palavrões nos rendem pontos extras. Além do mais, eu não estou mais no Exército. – Fazia dezessete dias. – Seu pai sabe que você roubou o distintivo dele?

– Ah, não está mais? Por acaso seu... – Ele soltou um suspiro. – Droga, não consegui pensar em nenhuma provocação! – A risada dele me fez rir também. – Que bom ver você!

Ele me envolveu em um abraço firme, com direito a tapinhas nas costas, e senti seu distintivo arranhando meu peito.

– Muito bom mesmo – concordei, abrindo um sorrisinho quando nos separamos. – Na verdade, talvez você seja a única pessoa que vou gostar de ver.

– Ah, fala sério. Nem o Sr. Williamson aqui? – perguntou Gid, olhando por sobre meu ombro e se encolhendo ao ver a expressão de Williamson. – Tá, talvez ele não.

– Ele nunca gostou de mim – respondi, dando de ombros, ciente de que o velho estava ouvindo.

– Bom, da última vez que estive aqui, você fez um cara atravessar aquele vidro – comentou Gid, apontando para a vidraça substituída. – Quanto tempo faz isso? Quatro anos?

– Seis – respondi, sem nem precisar pensar.

Uma das poucas coisas de que eu me lembrava daquela noite era a data, e muito bem.

– Seis. Verdade – disse Gideon, e seu sorriso se desfez.

Certamente tinha se lembrado do motivo para eu estar em Alba na época.

O velório do Sullivan.

O luto ameaçou roubar o restinho de oxigênio que eu ainda tinha nos pulmões, mas eu o reprimi pela milésima vez desde o enterro de Sully.

Meu Deus, eu ainda conseguia ouvir sua risada...

– Vai pagar pelas águas, Camden? – perguntou o Sr. Williamson.

– Sim, senhor – confirmei, grato pela interrupção, e me virei para finalizar o pagamento.

A surpresa no rosto de Williamson ao ouvir meu tom de voz quando agradei, pegando a sacola e saindo de seu caminho, não me passou despercebida.

– Isso aí vai acabar te matando – falei para Gideon enquanto ele pagava pelo fardinho de refrigerante.

– Você e a Julie, cara... – resmungou ele baixinho ao entregar o cartão de débito. – Será que não posso nem beber em paz?

Fazia um mês que eu não sorria daquele jeito.

– Como estão Julie e as crianças?

– Me obrigando a beber – respondeu ele, erguendo o refrigerante. – Não, sério, eles estão ótimos. Julie é enfermeira agora. Você saberia disso se tivesse redes sociais.

– Não, obrigado. Pra quê?

Gideon agradeceu ao Sr. Williamson e nós dois saímos.

– Pra quê? Sei lá. Manter contato com seu melhor amigo?

– Não, pra isso a gente tem e-mail. Redes sociais são para pessoas que querem ficar comparando suas vidas. As casas, as férias, as conquistas. Também não vejo razão pra sair na varanda com um megafone pra divulgar o que eu comi no jantar.

– Falando em jantar, quanto tempo vai ficar na cidade? – perguntou ele quando paramos entre meu Jeep e sua viatura desbotada. – Sei que a Julie adoraria uma visita.

– Vou ficar de vez – respondi depressa, a garganta apertada.

Ele piscou, atônito.

– É, também estou com dificuldade de processar essa informação – acrescentei.

Olhei para as montanhas entre as quais Alba repousava. Montanhas que eu tinha jurado nunca mais rever.

– Você saiu? Pensei que fosse fazer carreira.

Eu também. Mais um luto para a coleção.

– Policial Malone? – chamou uma voz feminina estridente pelo rádio.  
– Marilyn Lakewood continua na central? Ela está com quantos anos?  
Uns setenta?

– Setenta e sete – corrigiu Gideon. – E, antes que você pergunte, Scott Malone está com 25 e é um enorme pé no saco.

– O que você esperava do filho do prefeito?

– Filho do prefeito? Quando foi a última vez que você falou com...

– Policial Malone? – repetiu Marilyn, a irritação deixando sua voz ainda mais estridente.

– Precisa atender? – perguntei, apontando para o rádio em seu ombro.

– Malone é quem precisa atender – resmungou ele, balançando a cabeça. – Deve ser Genevieve Dawson reclamando que o gato dos Livingstons está no quintal dela de novo. Se for coisa séria, Marilyn vai me chamar. Agora, me atualize. Quando chegou? Vai ficar de vez mesmo? Tipo, voltar a morar aqui? O lugar que você chamou de buraco do demô...

– Xander me ligou – interrompi, distraíndo-o com uma meia-verdade antes que ele me lembrasse do outro motivo para eu jurar que nunca mais voltaria. – Como fazia seis anos que não falava com ele, atendi.

– Seu pai – disse Gideon, baixinho.

– Meu pai.

Um instante de silêncio e compreensão se impôs entre nós.

– Gideon Hall! – gritou Marilyn pelo rádio.

– *Tenente* Hall – sussurrou ele para o céu antes de atender: – Pois não, Marilyn?

– Já que o Garoto Prodígio não responde, aí vai: parece que Dorothy Powers perdeu Arthur Daniels de novo. Quando ela acordou do cochilo, ele tinha desaparecido.

Meu estômago embrulhou e meu olhar se voltou para as montanhas. Segundo Xander, meu pai fugia da cuidadora algumas vezes por semana, mas nunca ia muito longe. O fato de Dorothy Powers ser mais velha que ele e provavelmente precisar de alguém para cuidar de si também não ajudava muito.

– Estou indo. Ligue para as pessoas de sempre.

Gideon olhou em meus olhos, então tirou a mão do rádio.

– Meu pai – repeti.

Será que ele teria ido muito longe?

– É a segunda vez este mês – disse Gid, comprimindo os lábios. – Vou até a delegacia pegar o 4x4. Não vou conseguir chegar lá com essa viatura.

Sem querer esperar, mais ordenei do que sugeri:

– Venha comigo. Eu levo você.

Meu Jeep era alto e tinha pneus enormes, motor V8 e tração nas quatro rodas, configuração mais do que suficiente para enfrentar o apocalipse. Nem mesmo a estrada que levava à casa do meu pai ficava tão ruim naquela época do ano.

Ele concordou e, em um instante, entramos na Gold Creek Drive, que fazia as vezes de principal via da cidade – semáforos não eram necessários, mas motos de neve eram opcionais.

– Quanto tempo você ficou fora?

– Seis anos.

Lancei um olhar para ele. Eu não tinha acabado de responder àquela pergunta?

– Não, estou falando de hoje. Que horas saiu da casa? Dorothy estava acordada? E seu pai? – disparou ele, mexendo no celular.

– Queria poder ajudar, mas ainda não estive lá.

Apontei com a cabeça para o banco de trás do Rubicon quatro portas.

– Você literalmente acabou de chegar à cidade? – perguntou ele, observando as malas e caixas que tinham me acompanhado na viagem de mais de três mil quilômetros.

– É.

Estávamos passando pelo último prédio de Alba construído após a década de 1950. Quando atravessamos a ponte que cruzava os quase dez metros do Rowan Creek, a estrada coberta de neve chegou ao fim, marcando nossa entrada na cápsula do tempo que mantinha Alba viva.

– Achei que seria uma boa ideia abastecer antes de ir – acrescentei. – Certa vez, um cara me disse que é mais fácil fugir da polícia com o tanque cheio.

A rua principal se abriu à minha esquerda. Construções de madeira com telhados de metal ladeavam a estrada de terra que dali a alguns meses ficaria lotada de turistas, todos em busca de vivenciar uma autêntica cidade mineradora do Velho Oeste dos anos 1890.

– Você cresceu mesmo – disse Gid. – E não me faça perseguir você, por favor. Isso aqui é uma máquina e tanto. Acho até que vou dizer à Julie que encontrei o presente de aniversário perfeito.

– Claro, se ela comprar uma escada junto.

Viramos na Hamilton, onde a verba destinada à preservação parecia ter se esgotado. A neve se acumulava em torno de estruturas que havia muito já tinham perdido o telhado, as janelas ou as paredes.

– Cala a boca. Nem todo mundo tem mais de 1,90 metro.

– É a genética. Pelo menos assim devo conseguir encontrar meu pai mais fácil.

– Tem sido fácil encontrá-lo, sim, mas, Cam... A coisa está feia – contou Gid quando entramos na Rose Rowan Road e começamos a subir a ladeira.

– Nas últimas vezes em que nos vimos, ele ou não me reconheceu, ou achou que eu fosse meu pai.

Minhas mãos apertaram o volante.

– Xander chegou ao limite. Ele basicamente me disse que, se eu não voltasse, ia recorrer a um asilo em Buena Vista, o que acabaria com a promessa do nosso pai de morrer na mesma casa que nossa mãe.

– Só um segundo – pediu ele, levando o celular ao ouvido. – Oi, Sra. Powers. Isso, aqui é o Gideon. – Ele fez uma pausa, massageando a ponte do nariz. – Sim. Eu sei. Vamos encontrá-lo, e algumas pessoas já estão procu... Ah, ela está aí? Ótimo. Isso vai ajudar. Chegamos em uns quatro minutos.

Peguei a última saída para a casa do meu pai e praguejei ao ver as condições da estrada de terra. As chuvas da primavera sempre pioravam as coisas, mas o caminho parecia estar sem manutenção havia anos. As ondulações, que sem dúvida se encontravam sob a neve compactada, eram fáceis de encarar, mas as valas profundas, semelhantes a cânions, escavadas pelo pequeno rio de neve derretida que corroía a margem direita da estrada, exigiriam um esforço maior.

Não que eu não tivesse visto estradas piores no Afeganistão ou em qualquer outro dos lugares para onde eu nunca deveria ter ido, mas aquela era a porra da entrada da minha casa.

Gideon desligou o telefone no momento em que acionei a tração nas quatro rodas.

– Como Dorothy chega até aqui todos os dias? – perguntei quando voltamos a subir.

O Jeep balançou com força suficiente para bagunçar as caixas no banco de trás, e Gideon se segurou quando fizemos uma curva em uma área sombreada e coberta de gelo. Aquele ponto específico era sempre o último a derreter.

– Ela corta pela propriedade dos Bradleys – explicou ele. – Você sabe que o juiz mantém a entrada dele pavimentada e limpa.

O terreno era vizinho ao nosso, mas levaria dez minutos a mais, e eu não estava a fim de passear... nem de ver os Bradleys.

Meu Deus, se existia alguém no mundo que tinha o direito de me odiar mais do que eu odiava a mim mesmo, aquele alguém era...

Um clarão azul no retrovisor chamou minha atenção. Gideon olhou para trás.

– Xander – disse, respondendo à minha pergunta não dita. – É a camionete dele.

– Bom, isso vai ser divertido.

– Bem-vindo de volta...?

Eu o ignorei solenemente e fiz a última curva que levava à clareira. Eu tinha voltado apenas uma vez na última década, mas via aquele cenário quase todas as noites em meus sonhos.

O sol poente refletia nas janelas da casa de dois andares onde eu tinha crescido, colorindo-a com uma luz pitoresca que combinava com a imponência do pico descampado que se erguia atrás dela.

Meu pai sempre brincara que era mais seguro criar a família naquela área onde nem mesmo as árvores cresciam, onde os incêndios florestais não eram uma ameaça tão grande. Mas eu achava que ele simplesmente sentia um prazer perverso em viver no limite, onde mal havia oxigênio para cultivar qualquer coisa.

Parei o Jeep, desliguei o motor e peguei meu casaco do banco de trás.

Quando Xander estacionou ao meu lado, eu já tinha descido do carro e vestido o casaco preto acolchoado de zíper, que eu bem que gostaria que fosse um colete à prova de bala. Preferia desviar de balas a encará-lo – ou encarar meu pai, aliás.

– Eu vou... é... sair daqui – disse Gideon, constrangido, e me deixou ali.

Ouvi a porta da casa se abrir e se fechar mais ou menos ao mesmo tempo que a porta da caminhonete novinha e reluzente do Xander. Ele deu a volta no veículo e de repente parou, as mãos à meia altura no zíper do casaco.

Fui atingido por uma vida inteira de memórias – as boas, as ruins e as ainda piores. Mais ou menos naquela ordem mesmo.

Ele passou a mão naquele cabelo de Ken, loiro e perfeito, e respirou fundo.

– Camden.

– Alexander.

Ajeitei a aba do boné.

Pelo jeito, nós dois tínhamos nossos tiques nervosos.

Ele não havia mudado muito. Os mesmos olhos azuis. O mesmo corpo esguio. Continuava óbvio que era o herdeiro dos bons genes do meu pai, oposto a mim em todos os sentidos.

Ele balançou a cabeça, como se estivesse procurando as palavras certas, e, em vez de enumerar todas as vezes em que eu tinha fracassado com nossa família, atravessou o granito rachado da entrada e me abraçou.

– Estou tão feliz por você estar em casa.

Suas palavras cortaram mais fundo que qualquer insulto. Com insultos, eu sabia lidar; havia sido preparado para aquilo.

Mas, contra o jeito como ele se afastou, agarrou meus braços frouxos e sorriu para mim – com os lábios tensos e o cenho franzido, contendo as emoções que eu não parecia mais capaz de sentir –, não havia defesa possível.

Ele deu uma risada carregada por seis anos de ausência.

– Você está enorme. Que tipo de comida eles servem na Delta? E o que é isso? – perguntou ele, apontando para minha barba rala e dando um passo para trás.

– Boina Verde, não Delta – corriji, recitando a velha piada de anos atrás, com um sorriso forçado e o estômago embrulhado.

– É, é. Caras como eu, que nunca foram pra batalha, não sabem diferenciar. – Ele passou os olhos pelo meu rosto, como se estivesse tentando memorizá-lo antes que eu desaparecesse... de novo. – Meu Deus, Cam. Eu...

A náusea se agitou em meu estômago, que parecia afundar em um abismo de arrependimento e culpa.

Xander sorriu, exibindo dentes brancos e retos e uma felicidade que eu nem sabia se eu já tinha sentido alguma vez na vida.

– Estou muito feliz por você estar em casa.

– Você já disse isso.

Eu me sentia prestes a vomitar. Como ele podia ser tão legal comigo?

– Bom, é verdade. – Ele me deu um tapinha no ombro. – Que tal irmos atrás do nosso pai?

– Você não parece muito preocupado.

– Eu estou, mas, por mais que já tenha esquecido meu nome várias vezes, ele nunca se perdeu nessas terras. Só precisamos encontrá-lo antes que a temperatura despenque.

Assenti, e ele se dirigiu para a casa. A temperatura já estava próxima de zero, e ia cair bastante dentro de uma hora após o pôr do sol.

– Belo Jeep, aliás. Combina com você – comentou ele por sobre o ombro.

Fechei os olhos com força, respirando fundo algumas vezes pelo nariz, tentando engolir a bile e conter a náusea. Meu corpo parecia incapaz de processar as emoções.

É claro que ele me perdoou. É claro que me recebeu de braços abertos. É claro que não havia malícia em seu olhar, apenas um amor franco e puro. Ele não precisava jogar todos os meus erros na minha cara. Sempre fora um ótimo exemplo, me mostrando, de todas as formas possíveis, que eu jamais estaria à sua altura apenas sendo quem ele era.

Bem quando consegui me controlar, Xander se virou para mim.

– Tudo bem? – perguntou, a voz grave de preocupação.

– Tudo – menti, porque eu era muito bom em mentiras.

– Altitude?

– Algo do tipo.

– Não se esqueça de beber bastante água – lembrou ele, me olhando com a sobrancelha arqueada até eu assentir, então subiu os degraus da varanda.

A sobrancelha em questão era atravessada pelo primeiro defeito que eu já vira em Xander: uma cicatriz que não estivera ali da última vez que tínhamos nos encontrado. Uma marca fina e curta que me obrigou a lutar contra a ânsia de vomitar ali mesmo.

A cicatriz que eu tinha causado ao jogá-lo na vidraça da loja do Sr. Williamson.

Xander ainda estava subindo os degraus quando a porta se abriu e Gideon saiu de dentro da casa correndo.

– Ele está armado! – gritou.

Xander ficou paralisado, virando-se para acompanhar Gideon, que corria na minha direção.

– Como é que é? – perguntei, encarando Gid, na esperança de que ele corrigisse aquela fala absurda.

– Ele está com a espingarda! Dorothy acabou de me contar. Temos uma equipe de busca vindo pela propriedade dos Bradleys.

Gid passou por mim a passos largos, já se comunicando pelo rádio em seu ombro.

– Como foi que ele teve acesso à espingarda? – perguntei a Xander, praticamente rosnando.

– Eu... – Ele balançou a cabeça. – Eu achava que tinha guardado todas no cofre. Até escondi a chave.

– Na lavanderia? – indagou Dorothy, saindo para a varanda com uma embalagem familiar e desbotada de amaciante.

Parecia até que o tempo tinha desistido da Sra. Powers, porque ela não tinha mudado nada naqueles dez anos desde que eu me alistara. O cabelo tinha o mesmo tom grisalho e o mesmo corte na altura do queixo. Até o casaco verde que ela vestia era o mesmo.

– É, logo em cima... – Xander parou e suspirou, fechando os olhos. – Logo em cima do amaciante que ele se recusa a usar.

– Este amaciante que eu encontrei na entrada? – perguntou ela, fuzilando-o com o olhar.

– Esse mesmo – confirmou meu irmão, a mandíbula tensa.

– Diga que guardou a munição em um lugar separado.

*Diga que pelo menos disso você se lembra dos três anos em que serviu.*

Xander ficou pálido. Maravilha.

– Vamos atrás dele antes que nosso pai mate alguém – decretei, já me virando e voltando para o Jeep.

O estranho era que eu me sentia mais à vontade com armas do que com reencontros sentimentais.

Tirei o casaco, subi no Jeep e abri o bagageiro que tinha acoplado ao teto para a viagem. Vender praticamente tudo o que eu tinha parecera a escolha lógica, mas eu havia guardado algumas coisas por motivos que não tivera tempo para analisar.

– O que vamos fazer? – perguntou Xander, olhando para mim.

– Como assim?

Achei o que eu estava procurando e fechei o bagageiro. Então, saltei para fora do carro, aterrissando diante de Xander, cujos olhos arregalados pareciam maiores que meus faróis.

Duas outras caminhonetes e uma viatura pararam na entrada.

– Quero dizer... – Xander olhou para os recém-chegados que conversavam com Gideon e passou a falar mais baixo: – O que vamos fazer? Ele está com a espingarda e não sabe quem eu sou na maior parte do tempo.

Um peso familiar se acomodou em meu peito enquanto eu me preparava para a ocasião, fechando o casaco e amarrando o cadarço das botas.

– Achei que íamos procurar nosso pai.

Vasculhei o porta-luvas e logo encontrei uma lanterna de cabeça e uma de mão. Enfiei ambas nos bolsos, parando apenas para guardar o bispo talhado em ônix branco ao lado do manual do carro, para que a peça de xadrez não se perdesse. Era provável que tivéssemos mais uma hora de luz, mas, se eu estivesse errado, seria preciso mais do que aquelas lanternas para percorrer os cem acres da propriedade do meu pai... se ele ainda estivesse dentro daqueles limites.

– Não acha que a gente devia deixar Gideon e a polícia cuidarem disso agora? – perguntou Xander baixinho.

Olhei para trás, para onde Gideon e os outros quatro oficiais que compunham o Departamento de Polícia de Alba estavam. Todos armados. Quase todos me lançavam olhares furiosos. Não que eu pudesse culpá-los. Pelo menos três daqueles caras já tinham me algemado em algum momento.

– Quer dizer, deixar os caras armados irem atrás do nosso pai, que também está armado? – ironizei.

Sem esperar pela resposta de Xander, me virei para o lado norte da propriedade.

– Espera! – exclamou Xander, segurando meu cotovelo.

Meu corpo inteiro ficou tenso, e tive que me conter para não sentar a mão nele por ter me tocado sem aviso.

– Me solta.

Meu tom deve ter sido convincente, porque ele obedeceu.

– Existem regras, Cam. Regulamentos. Eles sabem lidar com esse tipo de situação. A última coisa de que precisamos é que você perca a cabeça.

Ah, claro, estava demorando: a atitude condescendente que Xander invocava quando achava que os 25 meses de idade a mais lhe davam o direito de me dar ordens. Ele nunca ia direto ao ponto para conseguir o que queria. Ia aumentando a temperatura da água aos poucos até você ficar fraco demais para reagir.

Eu preferia uma abordagem mais direta:

– Você e suas regras... Está me dizendo que, se ele apontar aquela espingarda pra esses caras, eles não vão puxar o gatilho?

Xander bufou.

– Ah, por favor, não estamos falando de desconhecidos...

– Está disposto a colocar a vida do nosso pai nas mãos daquele valentão de 25 anos que nem se dá ao trabalho de atender às chamadas do rádio e já abriu o coldre pelo menos quatro vezes desde que eles começaram a conversar? Eu não. Sei onde ele está, e vou chegar lá antes desses caras.

Xander virou a cabeça na direção da reuniãozinha que Gideon conduzia, e saí seguindo um rastro já meio apagado que eu sabia que ia sumir assim que chegasse à área gramada da montanha. Porém, era mais que suficiente para revelar para onde ele estava indo. Resmunguei um palavrão por causa da altitude. Eu me acostumaria em poucos dias, mas meio que não tinha aquele tempo.

– Aonde vocês vão? – perguntou Gideon.

– Achar nosso pai! – respondeu Xander, exalando confiança.

Revirei os olhos por causa daquela pose toda, mas segui em frente.

Ele logo me alcançou, acompanhando meu ritmo enquanto seguíamos pelas áreas onde a neve já tinha derretido. Nossas passadas eram do mesmo tamanho. Sempre haviam sido. Éramos da mesma altura, mas eu tinha uns vinte quilos a mais de músculos.

– Espero que saiba o que está fazendo – disse ele quando os rastros desapareceram.

– Sei, sim.

Meu olhar percorreu o terreno em busca de qualquer pista de que meu pai tivesse ido naquela direção.

– Sério, você acha mesmo que sabe onde ele está?

– Há quanto tempo ele tem aquela embalagem de amaciante? – perguntei, o cascalho crepitando sob meus pés. Pelo menos não estava nevando.

– Anos – respondeu Xander, dando de ombros.

– Certo. Pelo menos uma década. Paula Bradley trouxe quando ele ficou doente, lembra? Ela tentou ajudá-lo a lavar roupa.

– Como é que você se lembra disso?

– Sou amaldiçoado por uma memória excelente. – Eu me virei para a área do terreno onde Sullivan estava enterrado. – Confie em mim, tem umas merdas que eu adoraria esquecer. Você lembra por que ele se recusou a usar aquele amaciante?

Chegamos ao topo da encosta e começamos a descer em direção às árvores, com o pico à nossa direita, caminhando por um trecho coberto de neve.

– Eu mal me lembro de quando a Sra. Bradley trouxe o amaciante.

– Ele não deixava que ela usasse, mas também se recusava a jogar fora – lembrei, tentando reativar sua memória.

Xander olhou para mim sem entender nada.

– O aroma é de lavanda – respondi à minha própria pergunta.

Ele prendeu a respiração por um instante.

– A mamãe.

– A mamãe – confirmei.

Chegamos às árvores e começamos a andar entre elas. À sombra, a temperatura caiu a um nível desconfortável.

– Mas ela está enterrada do outro lado do terreno com o...

– Não é para lá que ele vai quando está com saudade dela. Não que ele um dia vá admitir que sente saudade dela.

Admitir aquilo seria demonstrar fraqueza, e Arthur Daniels podia ser tudo, menos fraco.

– A ravina.

– É.

Atravessamos a faixa de floresta que cobria aquela área e chegamos a uma clareira que eu conhecia bem até demais.

Soltei um palavrão baixinho por causa da cena à minha frente.

– Ah, não – sussurrou Xander.

*Ah, não* era pouco. Meu coração parou, depois disparou, bombeando adrenalina por todo o meu corpo.

Meu pai estava a uns trinta metros à nossa esquerda, no meio da clareira, apontando a espingarda para a única pessoa que eu esperava nunca mais ver na vida.

Eu a reconheceria em qualquer lugar. Aquela silhueta, aquela trança castanha espessa, aquele perfil com um leve calombo no nariz. Caramba, eu estava lá no dia em que ela quebrara aquele osso, quando éramos crianças. Eu tinha sido a pessoa a carregá-la para fora da mina.

Ela estava a uns quinze metros de nós com as mãos estendidas e abertas, se recusando a recuar diante do cano duplo apontado diretamente para seu peito. Recuar nunca fizera parte de sua natureza e, embora sua tenacidade sempre tivesse me intrigado, naquele momento eu estava amaldiçoando sua teimosia idiota.

Willow Bradley ia levar um tiro.

A Willow do Sullivan.

*Você vai ter que me ajudar aqui, Sully*, pensei, mas não falei, pois sabia que Xander não ia entender.

– Vá andando entre as árvores até chegar atrás dele. Assim que eu der o sinal, pegue a espingarda – sussurrei para Xander, sem dar margem para discussão.

– Que sinal?

– Pode confiar, você vai saber.

– Ele não vai reconhecer você – sibilou ele. – Vai atirar.

– Melhor que atire em mim do que nela.

Eu nunca tivera medo da morte.

Éramos como gato e rato desde que eu me entendia por gente, e um dia eu ia perder. Simples assim.

Se eu morresse naquele dia, tudo bem.

Não hesitei.



## CAPÍTULO 2

### WILLOW

*Pense, Willow. Pense.*

Era o Sr. Daniels. Eu o conhecia desde sempre. Com ou sem Alzheimer, ele não ia realmente atirar em mim, certo?

Só havia um porém: ele não fazia ideia de quem eu era. Ah, e estava com uma espingarda apontada para o meu peito.

– Sr. Daniels – tentei dizer mais uma vez, mantendo a voz suave. – Sou eu. Willow. Somos vizinhos, lembra?

Se é que dava para chamar de vizinho quem morava a mais de um quilômetro de distância.

A brisa jogou uma mecha solta de cabelo no meu rosto, mas não ousei erguer a mão para prendê-la de volta embaixo do chapéu. O sol tinha se posto alguns minutos antes – minutos preciosos – e já estava escurecendo. Será que ele só não estava me enxergando?

– Quieta! – gritou ele, brandindo a espingarda.

Seus olhos estavam arregalados e desconfiados, mas não maldosos. Ele apenas não me reconhecia nem entendia as circunstâncias que o tinham levado até ali.

Arquejei, o coração indo parar na garganta. E se ele puxasse o gatilho? E se a espingarda disparasse sozinha na próxima vez que ele a brandisse daquele jeito? Estávamos a quase um quilômetro da casa da família Daniels e a mais de um quilômetro da casa dos meus pais. Meu celular estava no

bolso, mas eu desconfiava que ele atiraria em mim se eu tentasse pegá-lo. Àquela distância, eu estaria morta antes de chegar ao hospital... se alguém me achasse.

Pelo menos havia outros grupos de busca nos arredores. Eles viriam se ouvissem um tiro.

– Tem pumas por aí, sabia? – vociferou ele.

Como o que atacara a esposa dele quinze anos antes, bem ali naquela ravina.

– O que está fazendo aqui? – questionou. – Isso é invasão de propriedade!

Não me dei ao trabalho de discutir, já que teoricamente era verdade. Mas Dorothy tinha me ligado, em pânico, e eu havia saído na mesma hora para procurar o Sr. Daniels, exatamente como fizera outras vezes no último mês. Já a arma... por isso eu não esperava.

– Sei que tem pumas – respondi, a voz levemente trêmula. – O senhor me ensinou o que fazer se eu encontrasse um.

Eu tinha 7 anos quando ele dera aquela aula para mim e para Sullivan. É claro que Cam encenara o papel do puma enquanto Alexander assistia em silêncio, claramente julgando a cena.

Cam. Senti um aperto no peito, como sempre acontecia quando ele surgia em minha mente, mesmo com o perigo iminente. Caramba, talvez até *por causa* do perigo iminente.

– Eu não conheço você! Pare de mentir! O que quer aqui? O que está fazendo na minha propriedade? Vá embora! – bradou ele, apontando a arma para mim.

– Tudo bem – falei, assentindo e dando um passo para trás.

– Pare de se mexer! – ordenou ele, a voz aguda em tom de aviso. – Não fale!

Parei imediatamente. O surto dele estava se aprofundando cada vez mais, e minha mente parou de lutar contra a possibilidade de ele atirar em mim, fazendo meus músculos paralisarem, aceitando a ideia.

Um movimento à minha esquerda chamou minha atenção e, virando a cabeça um milímetro, vi um homem a poucos metros de distância, se aproximando do Sr. Daniels com as mãos para cima, em sinal de rendição. Quem era? De onde tinha surgido?

Não consegui reconhecer o rosto sob o boné, mas o cara era enorme, e minha altura de 1,62 metro pareceu ainda menor quando ele se colocou entre mim e o Sr. Daniels. Suas costas largas bloquearam todo o meu campo de visão.

Não o reconheci – o que era estranho, considerando que uma dúzia de pessoas costumavam sair em busca do Sr. Daniels –, mas notei algo de familiar em sua postura, um ar submisso, embora ele exalasse uma energia bem agressiva. Tive uma impressão absurda de que aquele cara era mais perigoso do que a arma carregada apontada para ele. Bem, eu tinha presumido que estava carregada. Se não estivesse, pelo menos viraria uma história não tão engraçada para contar a Charity mais tarde.

Meu pai sempre acusava minha irmã de ser impetuosa, mas Charity certamente nunca tinha ficado na mira de uma espingarda.

– O que é isso? Quem é você? Em quantos vocês estão? – perguntou o Sr. Daniels, o pânico crescendo na voz.

Os ombros à minha frente subiram, como se o cara estivesse se preparando para...

– Não, não fale! – protestou o Sr. Daniels. – Vocês só mentem! Vocês, grileiros, só sabem fazer isso!

Uau. Aquela história mudou rápido.

O homem estendeu a mão para trás, me segurou pela cintura e me puxou mais para perto. Fiquei tensa, embora aquilo não fosse nada comparado à espingarda apontada para nós. Seu braço parecia até um torno, me prendendo com firmeza. Exatamente como no primeiro ano, quando... Interrompi meus próprios pensamentos. *Impossível.*

– Cuidado – pedi baixinho para o estranho. – Ele tem Alzheimer. Não sabe o que está fazendo.

O homem me puxou para mais perto, e o aroma de menta e pinho preencheu meu nariz quando ele começou a se virar em minúsculos movimentos discretos para que eu ficasse de costas para as árvores e não para a ravina.

Meu Deus, aquele cheiro... eu conhecia aquele cheiro.

– Somos apenas trilheiros – disse ele para o Sr. Daniels, devagar e em voz baixa.

A certeza me atingiu com a força de uma avalanche, arrancando o ar dos meus pulmões. Meus olhos se fecharam quando fui invadida pela enxurra-

da de memórias, torcendo desesperadamente que não fosse eu a alucinar naquele momento.

– Cam – sussurrei, descansando a testa em suas costas e agarrando seu casaco.

– Você está bem, Willow? – perguntou ele, tão baixinho que eu teria acreditado na teoria da alucinação se não tivesse sentido a vibração da voz grave em seu peito.

Assenti, sentindo o tecido macio de seu casaco em meu rosto.

Talvez o Sr. Daniels já tivesse puxado o gatilho. Talvez eu nem tivesse sentido o impacto. Talvez ele tivesse me matado imediatamente. Era a única explicação lógica para a presença do Cam.

Porque Camden Daniels tinha jurado que só voltaria a Alba para ser enterrado. Mas ele parecia tão real. Tão sólido. Seu cheiro era exatamente como eu lembrava. Mas, se eu estivesse mesmo morta, não seria Sullivan a me abraçar?

Não Cam. Jamais. Não comigo.

Segui o direcionamento quase imperceptível de Cam, que nos afastava de seu pai.

Ele não podia estar ali. Fazia anos que não dava as caras. E definitivamente não seria capaz de parar uma bala. Mas uma sensação de segurança me invadiu assim mesmo. Nunca tinha me importado com o fato de que o resto do mundo o via como uma ameaça – Cam sempre fora meu refúgio improvável, mesmo enquanto fazia por merecer cada pedacinho de sua má reputação. Ele me protegia pelo simples motivo de que eu sempre tinha sido deles.

A menina que estava sempre com os Daniels.

A adolescente ingênua que permanecera em Alba quando os três irmãos foram para a guerra.

A mulher que ficara destruída quando só dois deles voltaram.

Cam podia estar ali, mas bastaria um passo em falso e nós dois seríamos enterrados ao lado do Sullivan.

– Parem de se mexer, ou vou atirar! – gritou o Sr. Daniels, e Cam obedeceu. – Esvaziem os bolsos! É bom que não estejam me roubando!

– Vou soltar você, e quero que volte pra floresta devagar e dê o fora daqui – sussurrou Cam para mim, uma ordem suave.

Ainda dava para ouvir vagamente os resmungos agitados e distantes do Sr. Daniels.

– Não posso te deixar aqui – protestei.

– Pelo menos uma vez na vida, me escute, Lebre. Estou tentando salvar sua pele. O Alexander está se aproximando do meu pai pelas costas, e a ajuda já está a caminho, mas você precisa sair daqui.

Ouvir aquele apelido fez um nó tão apertado se formar em minha garganta que eu mal consegui engolir.

– Ele não sabe quem você é, Cam. Vai atirar. Ele não sabe nem quem eu sou, e nós nos vemos quase todos os dias.

– Ele vai se lembrar de mim.

– É, eu também achava isso, até ele apontar a espingarda pra mim, seu idiota teimoso.

– O quê? Pensei ter ouvido um guincho. Meu casaco deve ter abafado o som.

Em qualquer outra circunstância, eu teria lhe dado um beliscão.

– Ele não vai se lembrar de você – argumentei –, e só vai ficar ainda mais agitado se você tentar lembrá-lo.

O resmungo do Sr. Daniels foi ficando cada vez mais alto, até que ele voltou a gritar:

– Seus invasores! Estão tentando roubar o que é meu! Não vão conseguir! Não vão conseguir...

Dava para sentir que o coração do Cam seguia batendo em um ritmo tranquilo, a respiração profunda e regular. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, jamais imaginaria que Arthur Daniels estava apontando uma arma para nós.

– Não vão conseguir!

Um tiro ecoou, e pássaros saíram em revoada das árvores atrás de mim. Fiquei paralisada, agarrada ao casaco do Cam. Ele espalmou a mão na minha lombar.

– Cam! – sussurrei o mais alto que minha coragem permitiu.

Se ele estivesse ferido... se tivesse voltado só para ser enterrado... Eu não ia suportar enterrar mais um dos irmãos Daniels. Tentei me inclinar para encará-lo, mas Cam me segurou ainda mais forte, prendendo meu corpo atrás do seu com firmeza.

– Estou bem – respondeu ele, também em um sussurro. – Ele atirou para cima.

– Bem, pelo menos agora sabemos que está carregada – comentei.

Meu coração martelava no peito, o medo revestindo minha língua com seu sabor amargo e metálico.

– Isso é que é conseguir ver o lado bom das coisas – ironizou ele, e meus lábios se curvaram discretamente em um sorriso. – Tem mais uma bala no cano. Lembre-se do que eu disse. Vá em direção às árvores devagar.

– Não.

– Sim – rebateu ele, e sua mão desapareceu das minhas costas. – Agora, Willow.

O sangue pareceu congelar em minhas veias.

Ele deu um passo à frente. Deixei que o tecido de seu casaco deslizasse entre meus dedos e fiquei a preciosos centímetros dele.

– Pai – chamou Cam. – Eu seria capaz de jurar que você me disse que eu nunca devia apontar uma arma pra uma garota bonita.

Fiquei paralisada, vendo Cam andar em direção ao pai como se não estivesse na mira de uma espingarda.

– O quê?! – gritou o Sr. Daniels. – Não sou seu... Quem é você? O que quer comigo?

E ali estava – o tom de voz dele ia ficando mais suave. Se Cam conseguisse se comunicar com ele, talvez os dois saíssem vivos da situação. Mas a chance de aquilo acontecer era tão minúscula que quase nem valia a pena mencionar.

– Sou eu, pai. Camden. E pelo jeito você estava prestes a atirar na Willow, então achei melhor interferir. Não quer machucar a Willow, quer? Lembra da Willow? Nossa vizinha?

– Willow? Quem é...

Quanto mais Camden avançava, mais eu conseguia ver seu pai. Eu precisava sair dali, precisava voltar para a floresta para que tudo aquilo não tivesse sido em vão, mas não conseguia nem pensar em deixá-lo enfrentar o pai sozinho.

Sullivan estivera sozinho. Eu não pudera estar com ele. Não pudera abraçá-lo. Não pudera afastar a franja de seus olhos uma última vez.

Eu não ia abandonar Cam.

– Fala sério, pai. Abaixei essa arma. Vamos voltar pra casa e eu preparo um frango pra você exatamente como a mamãe fazia, pode ser?

Cam mantinha os braços estendidos, as palmas das mãos voltadas para o pai.

– Saiam da minha propriedade! Vocês não vão ficar com ela!

Mais um tiro foi disparado, e eu gritei quando o corpo do Cam voou para trás, caindo na grama com um baque nauseante.

– Não!

Senti o grito rasgar minha garganta enquanto corria pelo terreno acidentado até onde Cam estava caído em um pedaço de grama marrom.

– Willow! – berrou Xander de trás do pai, já pegando a espingarda.

– Ligue pra emergência!

Mal olhei para ele, caindo de joelhos no chão ao lado do Cam. Como íamos carregá-lo montanha abaixo? Será que um helicóptero conseguiria pousar ali?

Seu casaco estava rasgado, soltando minúsculas penas que se espalhavam pelo seu peito e voavam ao vento.

Mas não estavam vermelhas. Ainda. Nem o gramado ao lado dele, certo? Por outro lado, já estava tudo escuro...

Segurei seu casaco, mas ele arqueou as costas. Olhei para sua expressão de dor – meu Deus, como eu sentira saudade daquele rosto –, notando os traços suavizados pela barba por fazer, e tomei seu rosto nas mãos sem pensar duas vezes. Uma movimentação em minha visão periférica revelou que mais pessoas da equipe de busca tinham chegado. Tarde demais. Tarde demais. Sempre tarde demais.

– Estou aqui – falei, olhando em seus olhos, tão escuros que me engoliram por inteiro. – Vai ficar tudo bem – prometi, mesmo sem ter o menor direito de fazê-lo, fingindo um tom otimista, assentindo e abrindo um sorrisinho trêmulo. – O socorro está a caminho.

Com os olhos arregalados, ele se esforçava para tomar um fôlego que não vinha, o medo palpável em seus olhos que corriam pelo meu casaco branco, em uma busca frenética.

– Eu estou bem. Não fui atingida. Você é quem foi – disse para ele, feito uma idiota. Como se aquilo fosse algum consolo. – Preciso checar a gravidade do ferimento.

Ele ergueu as mãos, mexendo no casaco. Eu me afastei e tirei-as do caminho com delicadeza.

– Pode deixar.

*Ele está bem. Ele está bem. Ele está bem. Não pode levá-lo. Entendeu? Você já levou o Sullivan. Não pode levar o Cam.*

Os pulmões dele chiaram quando a primeira lufada de ar enfim entrou. Meus olhos voltaram aos seus imediatamente, e os encontraram já concentrados em mim, o cenho levemente franzido enquanto ele continuava lutando para respirar.

Abri o zíper do casaco com um puxão firme e me preparei para o que quer que fosse encontrar.

– Meu Deus, Cam! – exclamou Gideon ao se ajoelhar do outro lado dele.

– Arthur atirou nele – contei, as mãos trêmulas abrindo o casaco, revelando um tecido escuro com vários buracos onde os estilhaços da bala o atingiram. Onde estava o sangue? – Está escuro demais! Não consigo ver!

– Estou. Bem. – A voz de Cam soava forçada, quase sem ar.

Ouvi o clique da lanterna do Gideon se acendendo.

– Cale a boca – ordenei. – O idiota não sabe nem que levou um...

A luz chegou ao peito de Cam, refletindo-se em pedacinhos de metal brilhantes como uma constelação solitária em um céu escuro.

– Espera aí – murmurei. – Como assim?

– Filho da mãe! – exclamou Gideon, rindo, a lanterna tremendo com sua respiração ofegante quando ele olhou por sobre o ombro. – Ele está bem!

– Eu. Disse. Que. Estou. Bem – resmungou Cam.

– Como? Você levou um tiro...

E eu estava vendo os estilhaços; era chumbo grosso. Desafiando qualquer pensamento lógico, enfiei o dedo em um buraquinho e encontrei metal gelado. Deixei meus dedos traçarem o peito firme – firme até demais – do Cam.

– Lebre, pare – disse Cam, segurando minha mão e pressionando minha palma contra a superfície anormalmente dura de seu peito. – Estou bem. Só fiquei sem fôlego.

Ele soltou minha mão e abriu um fecho no ombro, depois outro. Um barulho de velcro. E um pedaço enorme de... *Mas que droga é essa?*

– Bacana. Qual é a classificação disso aí? – perguntou Gideon, apontando com a cabeça para a placa de blindagem que tombou para o lado, revelando uma camiseta com o logo da banda Black Flag.

Uma camiseta limpa, branca, intacta.

Pisquei várias vezes, atônita, tentando convencer meu cérebro de que meus olhos não estavam mentindo e aquele não era um delírio nascido do meu desespero. Não havia buraco de bala. Não havia sangue. Não havia ferimento.

– Quatro – respondeu Cam, recuperando a voz por completo.

Ele passou a mão no peito e no abdômen, então soltou um suspiro de alívio, voltando a descansar a cabeça no chão.

– Boa. E você carrega um colete à prova de bala por aí?

– Essa é a parte boa de estar com todas as minhas coisas no carro – disse Cam, com um sorrisinho irônico.

– Estar preparado quando seu pai atira em você do nada? – debochou Gid.

– Mais ou menos isso – concordou Cam, estremecendo ao se sentar.

– Você está bem – sussurrei.

Minha bunda bateu nas solas duras das minhas botas de trilha quando me joguei para trás, sentando nos calcanhares. As vozes às minhas costas eram como ruído branco, embora estivessem ficando cada vez mais altas. Tudo na minha cabeça não passava de zumbido, exceto o pensamento de que Cam não estava ferido, nem sangrando, nem morrendo.

– Eu já disse que estou bem. – Ele puxou a camiseta e olhou para dentro da gola. – Devo ficar com um hematoma feio, mas está escuro demais para ver.

– Só estou dizendo que foi bom você estar aqui – disse uma voz à minha esquerda. – O modo como você o desarmou foi... foi heroico, Xander.

O sargento Acosta entrou em meu campo de visão, dando um tapinha nas costas de Xander. Os dois tinham a mesma idade, mas Acosta parecia muito mais confortável com a pistola do que Xander com a espingarda do Arthur.

– Não, eu não fiz nada – protestou Xander, se abaixando ao lado do irmão. – Cam foi quem aguentou o tranco. Você está bem? – perguntou ele, olhando de relance para o colete.

Cam assentiu e se levantou.

– É, se *aguentar o tranco* significa irritar o próprio pai a ponto de levar um tiro... – ironizou Acosta, rindo.

Cravei as unhas nas palmas ao ouvir aquilo.

Abri a boca para retrucar que Cam muito provavelmente tinha salvado minha vida, mas Cam fez que não com a cabeça depressa, e continuei calada. Ele sempre se contentara em deixar que os outros pensassem o pior a seu respeito, e pelo jeito nada tinha mudado.

– Vamos só levar meu pai para casa – disse Cam, para ninguém em especial, voltando a fechar o colete e olhando para a frente.

Eu tinha ouvido aquele tom muitas vezes – um tom que encerrava a discussão, indicando que ele estava bem longe de se abalar.

Passado o perigo, me permiti observá-lo, ávida. Ele estava maior – não mais alto, claro, só que mais largo, mais forte –, e sua presença também mudara. Exibia um ar severo que lhe faltava na época em que tinha ido embora de Alba, dez anos antes, e os muros que sempre cultivara pareciam ainda mais intransponíveis. Mas seus olhos... seus olhos carregavam uma dor como a minha da última vez que tínhamos nos encontrado.

Ele e Xander começaram a andar e pararam, certamente para falar sobre o que estava acontecendo com o pai, e Art ficou com o capitão Hall para uma rápida avaliação do local. O Sr. Daniels balançava a cabeça, como se tentasse explicar a situação.

Tinha sido trágico lidar com a morte da Sra. Daniels. Desolador enterrar Sullivan nove anos depois. Mas testemunhar o que vinha acontecendo com Arthur Daniels nos últimos dois anos era como enterrar um pedacinho dele por vez. Uma tortura.

– Não te vejo muito pela cidade, Willow. Continua brincando com suas tintas? – perguntou Robbie Acosta, abrindo um sorrisinho provocador para mim enquanto Gideon se juntava aos irmãos Daniels.

– E você, continua fingindo que aqui tem uma criminalidade alta o suficiente para justificar seu emprego? – rebati, com a voz melosa.

A empresa de design gráfico que eu tinha aberto me mantinha mais do que confortável financeiramente, mas ninguém mencionava essa parte. Era sempre dos quadros – ou da falta deles – que as pessoas queriam falar.

Acho que era mais divertido cutucar minhas feridas do que examiná-las.

– Opa. – Robbie ergueu as mãos, como se tivesse recebido voz de prisão... o mesmo gesto que Cam tinha feito ao aparecer na ravina. – Pega leve, Willow. Eu só estava brincando.

– É. Não estou no clima pra brincadeira.

Continuei concentrada em Cam. Uma dor que eu conhecia bem até demais invadiu meu peito. Quando ele tinha voltado? Quanto tempo ia ficar? O que – ou melhor, quem – ia destruir daquela vez?

– Você precisa sair mais, principalmente se seus únicos momentos de socialização incluem um homem com demência e uma espingarda carregada – sugeri Robbie, esfregando a nuca, com a voz ainda mais estridente do que na época da escola. – Sabe, eu posso te levar pra jantar...

– Como é que é? – perguntei, inclinando a cabeça para o lado, genuinamente confusa. – Você quer me levar pra jantar?

– Quero – confirmou ele, dando de ombros e abrindo um sorrisinho tímido.

– Você... você não gosta de mim – falei devagar, balançando a cabeça.

Ele sempre tinha ido atrás das rainhas do baile – das garotas que aprenderam a se maquiar ainda no ensino fundamental. As garotas de Buena Vista, onde ele tinha estudado, que eram estilosas e instagramáveis. Eu tinha 25 anos e nem criara uma conta no Instagram... Meu interesse por Robbie era nulo.

– Ah, você é solteira. Eu sou solteiro. Faz sentido, não faz?

– Claro, se os humanos estivessem em extinção ou algo do tipo. – Eu me arrependi das palavras duras assim que ele desviou o olhar. – Existe vida fora de Alba, Robbie. Você não precisa se restringir aos limites da cidade pra sair com alguém só porque agora é adulto.

– Verdade – admitiu ele, se encolhendo. – Caramba, aposto que você ainda não está pronta, né? Merda, fui um babaca.

– Só porque me chamou pra sair logo depois que Art Daniels apontou uma arma pra mim?

Ele piscou, surpreso.

– Não, quer dizer, talvez você ainda não esteja pronta pra namorar...

Ele ergueu as sobrancelhas. Estava falando sério.

– Ah. Estou bem, de verdade. Não que eu não sinta falta do Sullivan, mas já faz seis anos.

O tempo passa mais devagar em cidades pequenas, acho. Eu tinha curado meu coração partido enquanto estava na faculdade, mas todos em Alba agiam como se o tivéssemos enterrado na semana anterior.

Acho que ainda era para eu estar traumatizada.

– Certo. Isso aí, firme e forte.

Ele assentiu e me deu um tapinha nas costas antes de atender ao chamado do grupo perto das árvores. Estava escuro demais para enxergar quem eram, mas eu imaginava que fossem os de sempre – exceto meu pai. Se ele estivesse ali, teria surtado.

Xander foi em direção ao Sr. Daniels, e me vi atraída por Cam, como já tinha acontecido um milhão de vezes.

– Ainda não consigo acreditar que você está aqui – comentei antes que pudesse pensar melhor.

*Boca, ativar filtro.*

– Nem eu. – Cam continuou olhando para Xander e para o pai, mas me questionou: – O que estava fazendo por aqui?

– Procurando seu pai – respondi, irritada com seu tom.

– Bom, e você o encontrou.

– Eu sempre ajudo nas buscas. Não é nada de mais.

Um músculo em seu maxilar se contraiu.

– E quantas vezes ele apontou uma arma pra você? – perguntou, os olhos se voltando lentamente para os meus.

De repente, a escuridão se tornou uma bênção. Enxerguei o bastante em seu olhar para perceber que ele estava furioso.

– Nunca. E tenho certeza de que Xander vai guardar as armas num lugar trancado e isso não vai acontecer de novo.

Cam bufou.

– Ah, claro, então está tudo certo. Ele podia ter atirado em você.

– Bom, ele atirou em *você* – rebati, cutucando seu colete à prova de bala.

O fantasma de um sorriso se insinuou em seus lábios, e eu quase cantei vitória.

– Parece que ele está pronto pra ir embora – observou Cam quando o Sr. Daniels afastou o braço que Gideon ofereceu para ajudá-lo a percorrer o terreno acidentado. – Teimoso como sempre – resmungou enquanto o pai se aproximava.

– Deve ser genético, ou você já esqueceu que eu avisei que ele não ia se lembrar de você? – provoquei, tentando aliviar o clima.

Cam sempre se saía melhor quando conseguia transformar a dor em algo engraçado. Não que aquilo tivesse graça.

– Lembrar dele? – disse o Sr. Daniels, parando diante de Cam. Ele era poucos centímetros mais baixo que o filho, mas sua presença o deixava imponente como ninguém. – Eu atirei em você.

– Atirou – confirmou Cam, e o único sinal de emoção que demonstrou foi cerrar o punho direito.

Pelo visto, aquilo também não tinha mudado.

– Art – chamou o capitão Hall, tocando o ombro do Sr. Daniels. – Não sei se está conseguindo enxergar nessa escuridão, mas esse é...

– Sei exatamente quem ele é – interrompeu o Sr. Daniels, irritado.

Eu me preparei mentalmente para o que aquela crise de demência ia nos render. Cam ergueu uma sobrancelha. O Sr. Daniels ainda o encarava.

– É o filho da puta que matou meu Sullivan – concluiu ele.

Arquejei. Por reflexo, dei um passo na direção de Cam, me aproximando o suficiente para roçar o braço no dele. Cam se manteve impassível, parecendo uma estátua.

– Sr. Daniels... – comecei.

– Não sei o que está fazendo aqui, mas pode tratar de ir embora – disse ele, me interrompendo e dispensando o filho que não via fazia seis anos.

Então deu as costas para Cam, seguindo em direção às árvores com o capitão Hall ao seu lado.

– Cam... – chamou Xander baixinho.

O que quer que ele tivesse visto nos olhos do irmão o fez balançar a cabeça e se afastar, seguindo o pai.

– Sinto muito. Ele não sabe o que está dizendo – sussurrei, apesar do nó na garganta.

– Claro que sabe. E ele tem razão – respondeu Cam, me olhando de uma forma que me transportou de volta para a época da escola.

Ele sempre soubera impor uma distância intransponível entre nós dois – ou entre ele e qualquer outra pessoa – com um único olhar.

– Eu disse que ele ia se lembrar de mim – completei.

E foi em direção à família.

– Cam! – gritei, em uma tentativa desesperada de fazer o Camden que tinha se colocado na mira da arma do pai para me proteger ficar só mais um pouquinho, mas ele já estava se transformando no Camden frio que não estava nem aí para porra nenhuma.

– Vá pra casa, Willow.

E a transformação estava completa.

Eu o vi desaparecer entre as árvores, lutando contra a vontade urgente e profunda de ir atrás. E pensar que durante tantos anos eu tinha fantasiado com um retorno idílico feito uma boba.

Mas ele estava ali. Estava em casa.

E eu queria desesperadamente descobrir por quê.

## CONHEÇA OS LIVROS DE REBECCA YARROS

Tudo que deixamos inacabado

A última carta

As coisas belas e preciosas



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

